



PRÁTICA DA LEITURA GANHA INCENTIVO NO PARQUE RAMIRO

PROJETO PARQUE DA LEITURA CELEBRA
UM ANO DE ATIVIDADES COLHENDO
OS FRUTOS DE UM TRABALHO
DE DEDICAÇÃO
PÁGINAS 8 E 9

ACERVO DO PARQUE DA LEITURA



NEGOCIAÇÃO SALARIAL FRUSTRA SERVIDORES

PROMESSA DE CAMPANHA DO REITOR
JOÃO NATEL DE ZERAR AS PERDAS
HISTÓRICAS FAZ ANIVERSÁRIO SEM
CUMPRIMENTO. SERVIDORES AMAR-
GAM REAJUSTE DE 6,34%
PÁGINA 3

A LUTA POR UM TRANSPORTE PÚBLICO E DE QUALIDADE



AUMENTO DA PASSAGEM DE ÔNIBUS EM BLUMENAU, DE R\$ 2,75 PARA R\$ 3,00 EM 15 DE MARÇO, LEVA
ESTUDANTES E TRABALHADORES PARA A RUA E ESCANCARA A PROBLEMÁTICA EM TORNO DO SISTEMA
PÁGINAS 5, 6 E 7

JAIME BATISTA DA SILVA

"A UNIVERSIDADE JÁ FOI UMA
INSTITUIÇÃO INOVADORA.
MAS NA ÚLTIMA DÉCADA
A UNIVERSIDADE FOI
COLONIZADA PELO DISCURSO
POLITICAMENTE CORRETO QUE
VEM REDUZINDO OS JOVENS A
"EMPREENDEDORES MORAIS"
MARCOS ANTÔNIO MATTEDI,
PROFESSOR, DOUTOR EM
CIÊNCIAS SOCIAIS
O SEXO NA BIBLIOTECA
PÁGINA 15

"A DESIGUALDADE DE GÊNERO
É GRITANTE. MULHERES
AINDA RECEBEM MENOS DO
QUE HOMENS EXERCENDO
A MESMA FUNÇÃO, NEGRAS
ESTÃO EXPOSTAS A MAIS
VIOLÊNCIA. A CADA DOIS DIAS
UMA MULHER MORRE VÍTIMA
DE ABORTO CLANDESTINO"
**COLETIVO FEMINISTA CASA DA
MÃE JOANA EM BLUMENAU**
REIVENTANDO O FEMINISMO
PÁGINAS 10 E 11

"E SE?
É UMA PERGUNTA SIMPLES
QUE PODE LEVAR A MUITA
CRIATIVIDADE E A INÚMERAS
EXPERIÊNCIAS NO MUNDO DA
CRIAÇÃO LITERÁRIA."
**JOSÉ ENDOENÇA MARTINS, FIC-
CIONISTA, POETA, ENSAÍSTA**
E SE A CRIAÇÃO LITERÁRIA FOR
UM JOGO ENTRE TEXTOS?
PÁGINA 13

SUBSÍDIOS COMPENSAM EXTERNALIDADES NEGATIVAS?

Uma mistura de negação aos fatos, indiferença, amansamento dos que gritam mais e uma improvisação populista parece que se tornam práticas cada vez mais comuns que regem a atuação de muitos governos em diversas partes do país. Há uma percepção de que todo o ilícito causa um barulho inicial, mas é administrável e passa a fazer parte do cenário corriqueiro e sucedâneo de outros fatos. Uma notícia de impacto pode ser publicada uma vez, mas se não for repetida muitas vezes não tem efeito, não entra em evidência, é abafada por outra considerando nosso déficit de atenção. Uma antiga anedota conta que um rapaz ao consultar uma vidente sobre seu futuro recebeu como resposta: “você será pobre até os quarenta anos”. Ansioso sobre o que viria depois o rapaz perguntou: “E depois?” – “Depois você vai se acostumar”. Esse conformismo é nefasto, pois povo manso vive de pão e circo e na complexidade da sociedade atual não percebe mais o que é importante a médio e longo prazo, o que fazemos ou o que deixamos de fazer hoje. Há em curso uma verdadeira deterioração institucional em curso no país com sérias consequências no futuro. Confusão conceitual, contradições, incerteza, visão parcial, segmentada e ilusionismo são efeitos de sociedades em transformação em direção a uma situação melhor ou pior. Mas há questões nas quais o nível de externalidades negativas de uma política gera reações como a destacada nessa edição em relação ao problema da mobilidade urbana. Há quatro anos, os moradores de Belo Horizonte ficavam parados no trânsito, em média, 56 minutos por dia. Em 2012, este número

pulou para quase uma hora e meia. Neste mesmo período, no Rio de Janeiro, o tempo no trânsito saltou de uma hora e 52 minutos para duas horas e 49 minutos. E os paulistanos já superaram a média de três horas e meia por dia. Esse trabalhador de São Paulo se gastasse duas horas e meia para ir ao trabalho desperdiça cinco horas por dia de sua vida para trabalhar oito horas e meia e existem situações piores, bem sabemos. A Fundação Dom Cabral estimou o custo de total de horas perdidas em R\$ 40 bilhões anuais na cidade de

“A Fundação Dom Cabral estimou o custo total de horas perdidas em R\$ 40 bilhões na cidade de São Paulo”

São Paulo, isso inclui o consumo de combustível parado no trânsito e a poluição adicional. Ao todo, 1.365 pessoas morreram em acidentes de trânsito nessa capital em 2011. Em 2010, haviam sido 1.357. Os motociclistas mortos representaram 37,5% do total de vítimas - em 2010, haviam sido 478. A prefeitura de São Paulo estimou em R\$ 6 bilhões por mês se o transporte fosse totalmente gratuito, será que vale a pena? Os acidentes e trânsito com transporte público são inferiores a 1% por cento e não entrarão nessa conta também seguros, e despesas hospitalares e perdas de vidas humanas. O sistema tende ao colapso se não for considerado um problema nacional, pois nenhuma prefeitura ou empresa poderá fazer muita coisa a não ser remediar a situação pois os engarrafamentos já ocorrem também em cidades a partir de 50.000

habitantes. Um estudo recente feito pelo IPEA mostra a situação do que aconteceu com os custos do sistema que geraram um círculo vicioso de transferência de preços. A desoneração do setor automotivo paralelo ao aumento do óleo diesel em 129% acima da inflação nos últimos 12 anos em função de uma política federal de redução gradativa dos subsídios existentes no preço do diesel acelerou essa distorção. O resultado é que peso do diesel, que antes representava menos de 10% dos custos tarifários, mais que dobrou sendo responsável em média por 22 a 30 % do preço da tarifa enquanto que a gasolina ficou muito próxima da inflação. Somam-se os engarrafamentos que são responsáveis pela redução à metade da velocidade comercial dos ônibus (de 25km/h para 12km/h nos últimos 10 anos); gratuidade totais e parciais para alguns usuários sem nenhuma compensação (33% em média) o que onera as tarifas em cerca de 19% para os usuários pagantes. A carga tributária incidente sobre a operação (32,3% que inclui encargos, impostos diretos e indiretos*) mostra que o governo é sócio oculto do sistema enquanto que em muitos países europeus a solução foi o subsídio e a divisão tripartite do custo (governo, usuário e empresa concessionária) para viabilizar um sistema de qualidade e que estimule a população a fazer o seu uso. O subsídio público no transporte público em algumas capitais europeias é de no máximo 75% da tarifa em Praga na República Tcheca até no mínimo de 20% em Paris. Levando em consideração toda a soma de externalidades negativas considerar esse subsídio passa a ser muito racional. No Brasil há um bom tempo que o tema vem se agravando mas como ao que parece tudo começa a ser discutido quando chega no limite do colapso total quando se precisa ir para rua protestar.



DANIELA DE LIMA

DEBATE SOBRE 50 ANOS DO GOLPE MILITAR LOTA AUDITÓRIO DA FURB

A passagem de 50 anos do golpe que instaurou a ditadura militar no Brasil não passou em branco na FURB. Um seminário discutiu o tema dia 1º de abril no Auditório do Bloco J, Campus 1. A iniciativa faz parte do Ciclo de Debates promovido pelo Departamento de Ciências Sociais, em conjunto com o Departamento de Direito. O evento foi coordenado pelo professor Nelson Afonso Garcia Santos, do curso de Ciências Sociais da FURB.

Participaram do debate, Inácio Mafra (ex-vice-prefeito de Blumenau); Ernesto Jacob Kreim (professor do Mestrado em Educação da FURB), além de Nildo Inácio (professor de Direito da FURB e coordenador do convênio firmado entre a FURB e a Comissão Nacional da Verdade). O encontro contou ainda com a participação do reitor João Natel e do presidente da Câmara de Vereadores de Blumenau, Vanderlei de Oliveira. O debate se prolongou até após as 22h e discutiu os reflexos do golpe ainda na atualidade.

O CICLO DE DEBATES

O Ciclo de Debates, organizado pelo Departamento de Ciências Sociais, ainda prevê ao todo três discussões. Além dos 50 anos do Golpe Militar, há outras duas agendas previstas. A próxima será dia 11 de abril. O tema a ser abordado será a Morte. E, para o dia 5 de maio, a discussão será em torno da Precariedade do Trabalho (em homenagem ao Dia do Trabalho, em 1º de maio).

SEMANA DE HISTÓRIA

O professor doutor Carlos Fico, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é um dos palestrantes da 21ª Semana Acadêmica de História da FURB, entre 5 e 9 de maio.

O encontro de abertura será com o professor doutor Jurandir Malerba, da PUC-RS. Ele falará sobre a temática da Public History para o Brasil. Além disso, sete simpósios produzidos pelos acadêmicos do curso serão apresentados durante o evento.

INTERNAS

NEGOCIAÇÃO SALARIAL 2014

Na reunião do Consuni realizada dia 21 de março, foram apresentadas e debatidas as cláusulas da pauta de reivindicações do SINSEPEs. As cláusulas econômicas geraram profundo debate e a proposta inicialmente apresentada de reposição salarial de 5,43% acrescida de 1% de recuperação de perdas históricas foi contraposta por outra deliberada em assembleia geral extraordinária que acrescentava mais 1,5% a título de reposição das perdas históricas totalizando portanto 2,5% além da inflação. Após a discussão antes da votação permaneceram duas propostas a inicial do relator e uma terceira que incluía mais 1% a ser paga em agosto desse ano.

O resultado de 20 votos a 13 favoreceu a proposta da reitoria que deixou em aberto uma possibilidade em rever a posição de agosto mas sem deixar claro nenhum percentual. Dessa forma permanecem ainda 7,89% de perdas salariais que estão em aberto. O anuênio suspenso entre agosto de 2008 e julho de 2009 está na pauta também como perda acumulada. Na deliberação foi chamada a atenção em relação à escala do salário de referência de algumas funções da carreira de técnico administrativo que estão desalinhadas com a remuneração de mercado, o que induz desistência da carreira e aumenta a rotatividade.

NEGOCIAÇÃO SALARIAL 2014 (2)

Diversos pontos como o cumprimento da legislação da LC 746 como a regulamentação do abono pecuniário, a equiparação do valor do auxílio para servidores com filhos com deficiência e auxílio creche e alteração de regras para gozo de licença-prêmio e previsão para conversão em pecúnia de licença em casos especiais, foram acatadas e devem vir para discussão ao longo desse ano.

FUCCA TRAZ TITÃS A BLUMENAU EM MAIO

Após a retomada ano passado, o Festival Universitário da Canção, Cultura e Arte (FUCCA) chega em 2014 no mês de maio, nos dias 23 e 24. Este ano, o FUCCA celebra a 10ª edição e integra as comemorações do aniversário de 50 anos da FURB. O FUCCA segue sob o comando do DCE com o apoio da BOX Produtora. Serão dois dias, no Setor 3 da Vila Germânica,



com 10 bandas em cada data apresentando uma canção ao público, com premiação para as três melhores segundo os jurados. As atrações culturais paralelas ao evento também estão mantidas. A organização do 10º FUCCA confirmou o Titãs como primeira banda nacional que vai tocar no Festival. A banda toca dia 23 de maio, no dia de abertura.

DEPOIS DE 23 ANOS SEM CONCORRÊNCIA, SAI EDITAL PARA CANTINA UNIVERSITÁRIA

Foram lançados os editais referentes à exploração comercial da cantina universitária. A medida é resultado de um trabalho intensificado pelo movimento estudantil da FURB, que iniciou as reivindicações com protestos contra a qualidade e preços dos produtos em outubro de 2011. A luta em torno de refeições de qualidade e com preços acessíveis é também uma bandeira histórica do SINSEPEs. A mudança promete garantir que as refeições na cantina tenham valores acessíveis a toda comunidade universitária. O edital nº 26/2014 trata da licitação das “cantinas restaurantes” do campus I e II, já o edital nº 27/2014, das cantinas do campus I, bloco I, III e V da FURB. Logo, haverá possibilidade de concorrência dentro da FURB. A FURB não cobrará aluguel das empresas que vencerem a licitação, o custo do aluguel da cantina não será diluído no preço dos produtos a serem vendidos para os alunos e servidores da FURB. Vencerá a licitação, no caso do restaurante, a empresa que se dispuser, respeitando os itens e qualidade exigida no edital, o menor preço do almoço e janta e o menor preço da “cesta básica” (menor preço da soma dos principais produtos da cantina).



“PARABÉNS PELA EDIÇÃO! OS TEMPOS DE CHUMBOS PODEM CAIR NO ESQUECIMENTO. SÓ NÃO SOFREU COM A DITADURA OS COVARDES!”

ELOIR FERNANDES MACHADO, bancário e sindicalista

“ACOMPANHO O EXPRESSÃO UNIVERSITÁRIA E QUERO RESALTAR QUE NOS ÚLTIMOS ANOS O JORNAL DEU UM SALTO DE QUALIDADE EM VÁRIOS ASPECTOS, COMO O CONTEÚDO QUE ABORDA AS QUESTÕES COTIDIANAS E IMPORTANTES DA CIDADE, COM UMA ANÁLISE MAIS APROFUNDADA E REFLEXIVA QUE LEVA A PENSAR E CONTRIBUI PARA ENRIQUECER E AMPLIAR A VISÃO SOBRE O TEMA. COM CERTEZA, O EXPRESSÃO UNIVERSITÁRIA ESTÁ CONTRIBUINDO PARA ESTIMULAR O PENSAR E REPENSAR A CIDADE QUE QUEREMOS. O SEU NOVO FORMATO TAMBÉM ESTÁ MUITO INTERESSANTE, DÁ VONTADE DE LER!!!”



REFLEXIVA QUE LEVA A PENSAR E CONTRIBUI PARA ENRIQUECER E AMPLIAR A VISÃO SOBRE O TEMA. COM CERTEZA, O EXPRESSÃO UNIVERSITÁRIA ESTÁ CONTRIBUINDO PARA ESTIMULAR O PENSAR E REPENSAR A CIDADE QUE QUEREMOS. O SEU NOVO FORMATO TAMBÉM ESTÁ MUITO INTERESSANTE, DÁ VONTADE DE LER!!!”

REJANE WILWERT, Assistente social

“VALE MUITO A PENA LER ESTA EDIÇÃO DO EXPRESSÃO UNIVERSITÁRIA”

VIEGAS FERNANDES DA COSTA, Escritor e historiador

“O EXPRESSÃO CONSEGUE SE SUPERAR EM QUALIDADE A CADA NÚMERO. PARABÉNS À EQUIPE! TENHO LIDO-O COM A ATENÇÃO QUE OS GRANDES VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO REQUEREM”

EDSON ROBERTO SCHARF, Pesquisador e Docente do PPGAD/FURB e Editor da Revista de Negócios

PARTICIPE DO EXPRESSÃO! Envie textos, opiniões, fotografias, charges... Entre em contato pelo email ou nos telefones abaixo!

DIRETORIA SINSEPEs | 2011/2014

Presidente: Ralf Marcos Ehmke (CCSA); Vice-presidente: Luiz Donizete Mafra (DAC), Secretária geral: Laurete Maria Ebel Coletti (CCS), 1º Secretária: Marian Natalie Meisen (Instituto FURB), Tesoureiro: Valcir de Amorim (DAF), 1º Tesoureiro: Leandro Junkes (Biotério Central), Diretor de Imprensa e Comunicação: Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC), Diretora de Assuntos Jurídicos: Ivone Fernandes Morcilo Lixa (CCJ), Diretora de Formação e Relação Sindical: Nevoní Goretto Damo (CCS), Diretor de Cultura, Esporte e Lazer: André Luís Almeida Bastos (CCT)

CONSELHO FISCAL

Efetivos: Edeomar Valério Mafra (NRTV), Luiz Heinzen (CCEN), Nazareno Loffi Schmoeller (CCSA) Suplentes: Selésio Rodrigues (DAC), Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)

Jornalista responsável: Magali Moser (02353 JP-DRT/SC)

Diagramação e edição: Magali Moser Projeto gráfico: Ana Lucia Dal Pizzol

Tiragem: 3.000 cópias. Gráfica: Grafnotre S/A (Apuarana, PR)

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.



Contato

Expressão Universitária é uma publicação do SINSEPEs (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

Endereço: Campus I da FURB - Rua Antônio da Veiga, 140 - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89012-900

Telefone: 47 3321-0400 | 47 3340-1477

E-mail: sinsepes@sinsepes.org.br

Página: www.sinsepes.org.br





AUMENTO DA TARIFA DE ÔNIBUS EM BLUMENAU É ESTOPIM PARA DISCUSSÃO DO SISTEMA

Elevação da tarifa para R\$ 3,00 em março desencadeou protestos e confronto entre polícia e manifestantes. Coletivo Tarifa Zero questiona o sistema e o valor da passagem, além de defender o transporte público como um direito

POR MAGALI MOSER
Jornalista do SINSEPE
magali.moser@gmail.com

O aumento da tarifa de ônibus para R\$ 3,00, que entrou em vigor dia 15 de março levou estudantes e trabalhadores de Blumenau para a rua e expôs a problemática do transporte público na cidade. Um Coletivo formado por estudantes e trabalhadores auto-intitulado Tarifa Zero organizou protestos contra o aumento na tentativa de promover um debate sobre o sistema na cidade. O grupo questiona a maneira como a imprensa oficial cobriu as manifestações, associando o movimento a vandalismo, e a abordagem policial nos episódios. Na primeira manifestação, quatro estudantes foram detidos e encaminhados à Central de Polícia. Uma estudante menor de idade foi ferida após ser agredida por um cão usado pela polícia. Outros manifestantes foram encaminhados ao hospital com ferimentos na cabeça, braços e pernas, e outro teve o braço quebrado, necessitando de cirurgia. Totalizando 11 feridos.

“O Coletivo é parte de um processo de militantes que querem colocar em pauta o transporte coletivo na cidade, a maneira como é regido. O transporte público não é mercadoria porque é um direito essencial da população. Mas a lógica privada não atende aos interesses do público. Aos usuários, só resta pagar”, constata o estudante de Ciências Sociais, Rubens Vinícius da Silva.

Foram dois protestos desde o anúncio do aumento da tarifa. O primeiro ocorreu dia 13 de março, quando houve confronto entre manifestantes e polícia e quatro manifestantes foram presos, seguida de mobilização dia 19 do mesmo mês. Os relatos de quem estava no primeiro protesto dão conta de que um motorista tentou passar com o ônibus em cima dos manifestantes que estavam sentados na pista do Terminal Fonte, machucando um deles. Em retaliação, teriam quebrado o vidro de um ônibus, além de picar outros. A partir daí, houve aproximadamente uma hora de tensão entre policiais e manifestantes, terminando com um ação violenta por parte da polícia, contra manifestantes e pessoas que estavam no terminal naquele momento.

“A gente não vê isso (o vidro da janela de

um ônibus) como violência ou vandalismo. Qual a forma que nós temos de nos expressar? A pichação, neste caso, é uma forma de gritar, quando somos silenciados. Tentam nos criminalizar. A pedra é uma resposta a esse tipo de violência assim como a pichação é uma resposta a essa falta de formas de se expressar”, argumentam os integrantes do Coletivo.

O grupo considera a atuação da polícia truculenta e antidemocrática. De todo o modo, constata-se que os blumenauenses estão indo às ruas para reivindicar o que julgam essencial para suas vidas na cidade. Daí a necessidade de respeitar o direito de livre manifestação. A discussão em torno do valor da tarifa foi apenas o estopim de uma demanda há tempos reprimida: a melhoria e expansão do transporte público na cidade passa por investimentos em mobilidade, que tornem o ir e vir de todos um direito mais realista. Com décadas e décadas de incentivo ao transporte individual, as cidades brasileiras cederam espaços de convivência e de troca social aos automóveis. O que os jovens fazem agora, é se levantar contra esse modelo insustentável e retomar a rua, espaço que lhes é de direito. --> **Segue**

A SERVIÇO DA MARCENARIA

Setor reúne quatro profissionais (três concursados como marceneiros e um assistente operacional) e é responsável pela fabricação de móveis para todos os campi da universidade. Eles garantem que a mobília que produzem tem qualidade e durabilidade

Num galpão antigo próximo ao Campus 2 da FURB, eles trabalham sem parar. É sob a responsabilidade deles a produção de todo o mobiliário para os campi da FURB. A equipe é composta por quatro trabalhadores: três concursados como marceneiros e um assistente operacional, que divide os serviços artesanais. Eles trabalham de segunda à sexta das 7h às 12h e das 13h às 16h.

Célio Ferrari, 47 anos, é um dos integrantes da equipe. Há 16 anos na FURB, ele não esconde a alegria de trabalhar com o grupo. Formado em História pela universidade e com pós-graduação em Orientação e Coordenação Escolar, ele até tentou se afastar da marcenaria. Começou a dar aulas na rede pública estadual e municipal e ficou longe da madeira durante dois anos. Mas voltou para o setor.

“A marcenaria não tem uma rotina, é um aprendizado contínuo. Sempre tem novidade. Aqui não é produção em série. Temos liberdade para criar”, avalia.

Um dos exemplos da constatação é o cenário do jornal Edição Local, da FURB

TV. Foram os marceneiros que produziram.

De todo o modo, Ferrari acredita que a experiência na universidade, como aluno, e na sala de aula, como professor, foi fundamental para torná-lo um marceneiro melhor.

“Quanto maior o acesso à informação, mais fácil de absorver as novidades e executar o trabalho. O desafio de solucionar um problema é visto sob vários aspectos”, conclui.

Aos 52 anos, Valmir Reitz também é um dos marceneiros da equipe. “Era mais difícil na época em que faziam móveis muito grandes. E era muito pesado pra carregar”, conta, com a experiência de quem está há oito anos no setor. “Para quem gosta do que faz não tem dificuldade”, conclui.

Além de produzir os móveis novos, sob medida, o setor também é responsável pela reforma das mobílias e pelas portas na universidade. Quando o Expressão Universitária esteve na Marcenaria para a produção desta reportagem, eles se dedicavam ao aproveitamento das portas do banheiro onde está instalada a piscina da FURB, com a intenção de reutilizar o ma-

“

A marcenaria não tem rotina, é um aprendizado contínuo. Sempre tem novidade. Aqui não é produção em série. Temos liberdade para criar”



MAGALI MOSER



UM NOVO MODELO PARA O TRANSPORTE PÚBLICO

O primeiro protesto foi o mais tenso e que resultou em mais confronto entre polícia e manifestantes. Na ocasião, os manifestantes se deslocaram até o Terminal Fonte e após a ação da PM, um grupo foi encaminhado pela Polícia à Delegacia. No segundo, com concentração em frente à Prefeitura, houve uma passeata pela Rua 7 de Setembro em direção ao Terminal da Proeb. Até lá, as ruas ficaram interditadas e o terminal foi fechado antes da chegada dos manifestantes, impedindo o contato destes com os trabalhadores e demais usuários. Além de denunciar as condições do transporte coletivo e o aumento da passagem, os participantes do protesto pedem tarifa zero. Quando os manifestantes chegaram no Terminal da Proeb não havia mais ônibus no local.

“Os gastos com transporte já estão se equivalendo à comida, no orçamento. É um custo muito alto. A intenção é fazer uma denúncia a respeito do valor que é exorbitante. Além disso, o Siga não cumpre as cláusulas do contrato, como renovação da frota. Os ônibus estão obsoletos”, denuncia o estudante Leonel Luiz dos Santos, que usa a bicicleta como meio de transporte para fugir dos gastos com a tarifa do transporte coletivo, mas que em dias de chuva é refém do sistema.

O Coletivo luta por um outro modelo de transporte público, baseado na tarifa zero, ou passe livre e irrestrito para todos os usuários. A ideia é que os custos das passagens sejam inteiramente subsidiados por governos e prefeituras, através do IPTU progressivo por exemplo, sem que o cidadão comum precise pagar nada para usar o ônibus. A luta portanto é em defesa de toda a comunidade. A tarifa zero para o transporte coletivo é realidade em três cidades do interior do Brasil. Os municípios de Porto Real, no Rio, Ivaiporã, no Paraná, e Agudos, em São Paulo, oferecem a gratuidade do transporte. Outras cidades do país aderiram ao Movimento Passe Livre na luta pela gratuidade no transporte coletivo, encarando a mobilidade dentro da cidade como inerente ao direito humano de acesso à cultura e aos serviços públicos.



Os gastos com transporte já estão se equivalendo à comida, no orçamento. É um custo muito alto”

“Somos vítimas do transporte ‘público’ pedindo esmolas, sendo reprimidos com spray de pimenta, balas de borracha, cassetetes e cães. A situação só instiga a fazer mais. Agora, além do objetivo principal, somos motivados por toda a repressão policial que está acontecendo.”

GABRIELA MARCHIORATO DRAPCZYNSKI, ESTUDANTE

“Manifestar-se não é crime, é um direito. É preciso lembrar isso na cartilha dos policiais. Percebendo como a polícia tem agido, é preciso repensar as estratégias do movimento. A gente não quer que a cada novo ato, mais pessoas, incluindo menores, acabem feridos simplesmente por expressar seu descontentamento, como infelizmente vem acontecendo.”

GABRIEL SEGATY, TRABALHADOR AUTÔNOMO

“Uso ônibus todos os dias, para ir trabalhar e ir pro colégio. É um aumento muito alto. A manifestação é o que nos resta. Policiais já chegaram batendo e reprimindo. Cheguei a dormir na delegacia uma noite. Para mim, foi abuso. Não precisava de tanta violência.”

LUCYAN FERRAZZA DE MIRANDA, ESTUDANTE

“Manifestante não é vândalo. Na verdade quem é vândalo é o Estado porque está à frente de toda essa repressão. O movimento é digno, lutamos por direitos coletivos. Se é público, o transporte deveria ser gratuito. A partir do momento que lutamos contra o Estado, haverá repressão. Mas que ela sirva de exemplo para que outras pessoas comecem a lutar pelos seus direitos.”

JOÃO PEDRO FRAISSAT DE MOURA, ESTUDANTE

“O aumento da tarifa é um sintoma de uma lógica de sistema mercantilizada. O movimento aproveita esse momento e questiona porque o sistema é precário e se paga tão caro para usá-lo. O transporte é público pelo próprio nome, não pode ser privado e gerido por um grupo de empresários.”

LEONEL LUIZ DOS SANTOS, ESTUDANTE

“O transporte público não é mercadoria porque é um direito essencial da população. A gente sabe muito bem que a lógica privada não atende aos interesses da população que utiliza o serviço. Aos usuários só resta pagar. O usuário não é contemplado.”

RUBENS VINÍCIUS DA SILVA, ESTUDANTE



FOTOS: NEY ARISTON

AUMENTO É QUESTIONADO

O aumento da tarifa do transporte coletivo de Blumenau fez a cidade aparecer entre as que têm a passagem mais cara entre os principais municípios de Santa Catarina. O reajuste de 9,09%, que elevou o valor do bilhete para R\$ 3, coloca Blumenau em situação semelhante às maiores cidades do Estado. Joinville tem o mesmo valor na passagem antecipada. Quem compra na hora do embarque, paga R\$ 3,40 na cidade do Norte. Em Itajaí, a passagem na hora também chega a R\$ 3, mas pode ser encontrada por R\$ 2,65 de forma antecipada.

Em Florianópolis, que também já anunciou o aumento neste ano, o valor é de R\$ 2,90 em dinheiro e R\$ 2,70 na compra do cartão. Em Blumenau, o índice de reajuste que foi de 9,09%, representou um aumento de R\$ 0,25 no valor atual da passagem que era de R\$ 2,75. Aos domingos, o valor da passagem passou para R\$ 1,50, o mesmo aplicado para o passe estudante. Já o transporte seletivo, conhecido como vermelinhos, passou para R\$ 4,00.

Considerando a questão da mobilidade essencial para a construção de cidades mais sustentáveis, acessíveis e democráticas, o Coletivo Tarifa Zero em Blumenau pede às autoridades que aceitem a pressão das ruas como forma de repensar as políticas de mobilidade urbana. O Movimento Passe Livre (MPL), cuja principal bandeira é a tarifa zero no transporte público, surgiu de forma espontânea e embrionária há dez anos em Salvador, capital da Bahia. Em 2010, o movimento lançou em Florianópolis o documentário Impasse, sobre as manifestações contra o aumento da tarifa do transporte coletivo. Além de cenas que não foram exibidas em nenhuma tevê, incluindo flagrantes de violência policial, Impasse revela o que pensam usuários, empresários e representantes dos governos municipal e estadual. O documentário pode ser acessado pelo site: docdois.com.br

JAIME BATISTA DA SILVA





FOTOS: ARQUIVO PARQUE DA LEITURA

ÁRVORE DE CONHECIMENTO: PROJETO PARQUE DA LEITURA CELEBRA UM ANO

Iniciativa da Fundação Cultural de Blumenau transforma o Parque Ramiro Ruediger em espaço de convivência e prática da leitura

POR MAGALI MOSER

Jornalista do SINSEPEs - magali.moser@gmail.com

Uma mudança de paradigmas tem transformado o acesso à leitura, mundo afora. Bibliotecas deixaram de ser o único local onde estão reunidos livros e revistas impressas de acesso à informação e ao conhecimento em múltiplos formatos. É a partir dessa premissa que se consolida em Blumenau um projeto que difunde a prática da leitura, no Parque Ramiro Ruediger. Sob a sombra de uma árvore frondosa, pendurados em galhos, livros sobre diversos assuntos disputam a atenção de quem se vê atraído pela possibilidade de ler ao ar livre.

Almofadas e tapetes coloridos espalhados pelo gramado reforçam o convite. Batizada como Parque da Leitura, a iniciativa tem estimulado os adolescentes a descobrir o prazer pela leitura. O projeto funciona com intervalos de 15 dias, sempre aos sábados. Durante o mês de março, o programa celebrou um ano ao receber 2 mil crianças que estudam nas redes particular e pública de ensino de Blumenau. Escolas dos municípios de Gaspar, Ilhota, Timbó e Blumenau participaram das atividades em comemoração ao aniversário. Os frutos dessa árvore prometem se renovar com o fortalecimento do projeto.

OBJETIVO É ESTIMULAR SAÚDE DA MENTE

Entre uma caminhada e a prática de um exercício físico, desportistas e adeptos da ideia apreciam as leituras oferecidas. A intenção é incentivar quem investe na saúde do corpo a investir também na saúde da mente. O projeto é idealizado pela professora Patrícia Constância, ex-coordenadora regional do Proler, e tem o apoio da contadora de histórias Shirlei Dickmann. Está vinculado à Fundação Cultural de Blumenau, Secretaria Municipal de Educação e Fundação Municipal de Desportos.

“A maior conquista de todo o mediador de leitura é o retorno do leitor, a busca de uma nova leitura. Ser testemunha da relação familiar integrada pelo recurso da literatura é maravilhoso. É quando a família faz uma pausa para alimentar-se, só que neste caso a mesa é a sombra da árvore e o alimento é a palavra”, comemora a professora e coordenadora do projeto, Patrícia Constância. Para ela, estimular o contato com a criação literária reflete no desenvolvimento do potencial intelectual, estético e sensível do público. Quem participa do projeto vê na iniciativa uma forma de aproximar as pessoas dos livros. “Ao realizar minha atividade física no Parque Ramiro,

senti e me emocionei com o Parque da Leitura. É um verdadeiro espetáculo ver as crianças sentadas embaixo das árvores ouvindo estórias. É um projeto fantástico, sabidamente de baixo custo e que cumpre uma importante finalidade cultural e social”, observa a mestre em Educação, Laura C. P. Chaves. De acordo com a Fundação Cultural de Blumenau, não há pretensões de estender o projeto para outras áreas da cidade ou de torná-lo semanal.

“O projeto tem uma definição clara de seu papel e deixa sua marca registrada. Porém, nada nos impede de criar no futuro um programa cultural para o Parque São Francisco de Assis, recentemente aberto ao público”, adianta o presidente da FCBlu, Sylvio Zimmermann.

“O Parque da Leitura ajuda a formar uma nova geração de leitores e não é preciso dizer quais os resultados de um povo educado e culto” observa.

“

A maior conquista de todo o mediador de leitura é o retorno do leitor, a busca de uma nova leitura. Ser testemunha da relação familiar integrada pelo recurso da literatura é maravilhoso”



SOBRE O PROJETO

O Parque da Leitura ocorre quinzenalmente no Parque Ramiro Ruediger, em Blumenau. Os livros ficam expostos das 9h às 17h e a entrada é franca. Em caso de chuva, o evento é cancelado.

PROGRAMAÇÃO

Parque da Leitura 2014
Abril: 12 (edição especial para deficientes visuais) e 26
Maio: 10 e 24
Junho: 7 e 28
Julho: 12

Local: Parque Ramiro Ruediger

Horário: 9h às 17h

DIVERSIDADE DE HISTÓRIAS

A árvore de livros do Projeto Parque da Leitura acolhe diferentes autores e leitores. Entre os escritores selecionados estão Jorge Amado, Lygia Bojunga, Italo Calvino, Edgar Allan Poe, Ana Miranda, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Nela, os mais variados gêneros são contemplados, incluindo gibis, poesias, crônicas, contos, narrativas juvenis e romances, além de diferentes revistas.

O projeto iniciou com 368 livros e hoje dispõe no seu acervo 1.551 exemplares. Parte dele foi fruto de doações do Ministério da Educação (MEC). Diferentes placas localizadas em lugares estratégicos do parque chamam os leitores a participarem do projeto. São placas com os dizeres “Rota da Leitura”, “A Leitura ao alcance de todos”, “Busque a leitura”, “A caminho da Leitura”, “Quem lê vai longe”.

O projeto Parque da Leitura tem a preocupação de contemplar leitores de todas as faixas-etárias, inclusive crianças de zero a três anos. Aos bebês e pequenos leitores haverá momentos de contação de histórias e uma diversidade de livros para encantar o imaginário infantil. Entende-se que a formação do leitor se dá desde que a criança nasce, daí a necessidade de investir em ações voltadas também para este público.

“Cada vez mais estou convencida de que o investimento no núcleo familiar é o caminho mais eficiente para colhermos solidez na formação humana. Se queremos uma sociedade leitora talvez o caminho seja o de investir em uma família leitora afinal, é a primeira composição social da qual fazemos parte”, avalia Patrícia.

A média de público que frequenta o Parque da Leitura está entre 120 a 150 pessoas. Um total de 1.977 leitores assíduos, visitantes de cidades vizinhas, turistas, atletas, crianças e adultos usufruíram do projeto em 2013.

“Espero que o governo local saiba valorizar e impulsionar ainda mais este Projeto. Um Projeto que tem na sua concepção o verdadeiro sentido da política pública que é promover o bem comum”, observa a mestre em Educação, Laura C. P. Chaves.





FOTOS: STOCK XINHANG

REINVENTANDO O FEMINISMO

Como pensam as jovens ativistas de Blumenau que defendem o corpo como forma de expressão, protestam com ousadia e irreverência, têm como bandeira a liberdade e a diversidade

O movimento feminista conquistou, nos últimos tempos, a ampliação dos direitos da mulher. O direito ao voto, divórcio, educação e trabalho são conquistas do fim do século 19. Com o passar dos anos, o movimento foi reinventado. Contra a corrente que defende o fim do feminismo por entender que as mulheres já conquistaram igualdade, há grupos que pensam diferente. Em Blumenau, o Coletivo Feminista Casa da Mãe Joana é um exemplo. O grupo surgiu nas redes sociais e busca refletir sobre as questões discriminatórias e a busca por uma nova posição para as mulheres.

Essas mulheres têm como bandeira a liberdade e a diversidade. Um outro exemplo do novo feminismo é a Marcha das Vadias, que tomou ruas e avenidas de cidades no mundo em países como Índia, África do Sul, Austrália, Alemanha e Brasil, tendo como tônica ativistas com seios de fora. O movimento foi criado em 2011, na cidade de Toronto, no Canadá, depois que um policial aconselhou mulheres, durante uma palestra de segurança pública, a não vestir certas roupas para não serem estupradas. Em Blumenau, o grupo formado está decidido a repensar o papel da mulher na sociedade. Com todo o toque de irreverência e autonomia próprios das integrantes.

Expressão Universitária - Como surge a ideia do Coletivo? É uma iniciativa inédita em Blumenau?

Coletivo Feminista Casa da Mãe Joana - Eu (Georgia Faust) e a Bruna Kloppel éramos as únicas representantes do Blogueiras Feministas (coletivo feminista nacional) em Blumenau. E achando sermos as únicas feministas em Blumenau MESMO. Até que um dia eu descobri a Katyane Cristina, via Alex Castro. Uns bons meses depois conheci a Carol Mariano e aos poucos eu fui percebendo que não estou(amos) sozinha(s) em Blumenau.

Depois descobri que existiam a Fran

Schmitz e a Ana Paula Germano e percebemos, eu e Katy, que talvez seria legal juntar todo mundo para conversar e articular nossos feminismos. Não tenho como saber se essa é uma iniciativa inédita em Blumenau pois desconheço a trajetória das feministas blumenauenses. Mas certamente é o primeiro Coletivo organizado via Facebook!

Expressão - Quem faz parte do grupo e quem pode participar?

Coletivo - Faz parte do grupo pessoas que nós convidamos, porém a adesão é aberta a todos. Mulheres, homens, jovens, idosos. Hoje somos 126 membros.

Expressão - Qual a principal intenção do movimento?

Coletivo - A intenção inicial é divulgar o movimento feminista na cidade de Blumenau, consequentemente trazendo mais pessoas para o Coletivo. É decepcionante perceber o total desconhecimento da população em geral sobre feminismos, nossas pautas, nossas opiniões e principalmente sobre a importância do movimento nos dias atuais. A maior parte das pessoas com quem conversamos em nosso dia-a-dia comprou o discurso da mídia tradicional de que o movimento feminista é ultrapassado, de que as mulheres já têm tudo o que desejam, de que não há mais a necessidade de luta por igualdade. Discordamos veementemente desse posicionamento e acreditamos que ainda há muito por fazer.

Expressão - Por que da necessidade de se criar um grupo com este viés?

Coletivo - Porque Blumenau, apesar de expressiva população, ainda é uma cidade extremamente conservadora e

desconectada dos grandes movimentos sociais que acontecem, não apenas no Brasil, mas no mundo. Talvez por ser uma cidade com qualidade de vida acima da média, as pessoas acreditam que tudo esteja bem. Acreditamos ser necessário um engajamento político maior, pois ainda temos uma boa parcela dos cidadãos blumenauenses invisibilizados, ainda temos a questão do preconceito racial sistêmico e estrutural, ainda temos a marginalização das pessoas trans*, ainda temos inúmeros casos de estupro e violência contra a mulher e ainda temos uma visão distorcida sobre o papel da mulher na família e na sociedade - como padrões de beleza e comportamento, jornada dupla de trabalho, responsabilidade total sobre a criação dos filhos...

Expressão - O que mais preocupa hoje na situação da mulher?

Coletivo - Cada participante do movimento feminista provavelmente terá uma visão diferente sobre o que MAIS preocupa. Eu, Geórgia, acredito que a dinâmica dos relacionamentos é algo que deve ser repensado com urgência. Os papéis assumidos pela mulher dentro dos namoros e casamentos, as responsabilidades domésticas, a questão da maternidade e casamentos compulsórios (a crença de que você só é mulher de verdade e completa quando consegue um marido e faz um filho) e o preconceito contra mulheres que optam por viver solteiras ou em relacionamentos fora do padrão convencional.

Eu, Katyane, penso muito nos altos índices de violência contra a mulher. No Brasil, os números de estupro superam os de homicídios e Santa Catarina é o 3º estado com maior número de estupro reportados: 45,8% para cada 100 mil habitantes (dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública). É um problema grave, fruto da sociedade

misógina, que educa e vê nós mulheres como subalternas, objetificando-nos para satisfazerem as necessidades masculinas, como se não tivéssemos opiniões ou vontades próprias.

Expressão - Quais são as influências/ins-

“

Blumenau, apesar de expressiva população, ainda é uma cidade extremamente conservadora e desconectada dos grandes movimentos sociais que acontecem, não apenas no Brasil, mas no mundo. Talvez por ser uma cidade com qualidade de vida acima da média, as pessoas acreditam que tudo esteja bem

pirações do Coletivo?

Coletivo - Temos dentro do coletivo pessoas das mais diferentes correntes feministas, feministas radicais, liberais, inspiradas pela segunda onda feminista, pela terceira onda, feministas de direita, de esquerda. Nossa proposta é ser um ambiente seguro para todas, onde o foco principal é a divulgação do movimento e a inserção de mais mulheres na luta. Se posteriormente o grupo se subdividir em correntes diferentes, será algo natural que irá ocorrer assim que as participantes tiverem maior contato com as teorias feministas e de gênero. A maior parte das mulheres participantes se vê como feminista e tem interesse em lutar pela causa, mas não se posicionou teoricamente.

Expressão - De que forma se manifesta o machismo na sociedade blumenauense?

Coletivo - Acredito que as manifestações mais evidentes são relacionadas aos papéis assumidos pela mulher dentro dos namoros e casamentos, as responsabilidades domésticas, a questão da maternidade e casamentos compulsórios, os padrões de beleza, a discriminação contra mulheres trans* e negras. A falta de mulheres como representantes políticas também é um sintoma do machismo: na atual legislatura municipal não temos nenhuma vereadora.

Expressão - É possível falar em feminismo na sociedade atual?

Coletivo - Não só é possível como é extremamente necessário, a desigualdade de gênero é gritante. Totalmente. Mulheres ainda recebem menos do que homens exercendo a mesma função, mulheres negras estão expostas à mais violência, a cada dois dias uma mulher morre vítima de aborto clandestino, a cada cinco segundos uma mulher é violentada no Brasil, meninas negras realizam 90% do trabalho doméstico, 70% das mulheres sofrem algum tipo de violência ao longo da vida, mulheres negras continuam ocupando os cargos mais baixos, 90% das mulheres trans* precisam se prostituir por falta de oportunidades no mercado de trabalho... A lista é infinita!

Expressão - Quais as causas que o movimento feminista deve abraçar na atual conjuntura?

Coletivo - Como respondi anterior-

mente, cada participante do movimento feminista provavelmente terá uma visão diferente sobre a causa MAIS urgente. No meu caso tento lutar em todas as frentes, por todas as mulheres, mas cada contexto de cada militante favorece mais a contribuição em determinadas causas. Por exemplo, considero urgente a questão trans*, porém não tenho acesso a coletivos regionais e desconheço a forma com que elas se organizam em Blumenau e região, portanto acabo podendo fazer pouco.

Acredito que a militância ocorre principalmente no dia-a-dia. Denunciar abusos e agressões, ajudar mulheres a se empoderarem, conversar com familiares e amigos sobre os efeitos do machismo... são formas de ter o assunto sempre em pauta e aos poucos ir cons-

com ampla participação de feministas, como a Marcha das Vadias, e outros com número menor de participantes como o toplessaço. Mas o que chega nos jornais são apenas imagens dos corpos e a ideia de que são feministas históricas querendo chamar a atenção.

É uma forma de protesto muito legítima. Como vivemos em uma sociedade patriarcal, nossos corpos são objetificados e sexualizados para o prazer masculino. Quando nós mulheres falamos "meu corpo me pertence", estamos nos empoderando, assumindo o controle de nossas vidas e mostrando que podemos fazer o que quisermos com nossos corpos. É o tipo de atitude que os homens sempre tiveram, nunca precisaram reivindicar o próprio corpo: andam na rua sem camisa, caminham



truindo uma sociedade igualitária.

Expressão - De que maneira avaliam o movimento feminista que usa o corpo como instrumento de protesto?

Coletivo - Acho que toda forma de protesto é válida. Quem descharacteriza a luta é a imprensa machista, que ao invés de colocar as pautas dos protestos em discussão para que a população reflita, prefere ficar nas bundas e seios das manifestantes. Temos protestos

por ruas desertas sem medo de serem estupradas. Em suma, é isso: queremos ser respeitadas tanto quanto os homens são.



SHOCK XCHUIS

2014, ANO DA AGRICULTURA FAMILIAR

POR ROBERTO RAUTENBERG

Mestrando em Desenvolvimento Regional na FURB e cientista social - robertorautenberg@yahoo.com.br

Talvez seja possível afirmar que a agricultura tenha sido uma das maiores descobertas da humanidade. Com tal descoberta, que segundo a literatura, ocorreu há cerca de 10 mil anos, os seres humanos passaram a ocupar por mais tempo um determinado pedaço de terra, uma vez que não precisaram ir embora assim que, por exemplo, a caça terminasse. Com o passar do tempo, outras atividades surgiram. Friso que esse processo culminou no agronegócio. Por outro lado, a ONU declarou que 2014 é o Ano Internacional da Agricultura Familiar. Ao fazer isso, nos aponta alguns importantes problemas de ordem ambiental, econômico, social, político e cultural.

Recentemente a cientista indiana Vandana Shiva, que é considerada uma das maiores pesquisadoras dos malefícios causados pelo uso de agrotóxico e das sementes transgênicas para saúde humana e biodiversidade, palestrou no Brasil, mais precisamente em Botucatu. A vinda dela foi por ocasião do III Encontro Internacional de Agroecologia. Sua fala foi pautada, evidentemente, em algumas consequências da chamada Revolução Verde, capitaneada pelos Estados Unidos, na década de 1960. Ao final, “recomendou” algumas mudanças de comportamento, em especial por parte dos governos.

Na década de 1960, os Estados Unidos deu início, a um ataque sem tréguas, à agricultura. Por séculos, os camponeses de todo o mundo detinham o domínio das sementes daquilo que precisavam para se alimentarem. Esse ataque veio por várias frentes, mas as mais violentas são o estímulo ao uso de agrotóxicos e das sementes transgênicas.

Os dois tem como meta principal, aumentar a produção de tudo que imaginarmos, mas com um detalhe, desrespeitando a natureza. E segundo Shiva,

mesmo com o aumento da produção, cerca de 1 bilhão de pessoas passam fome diariamente no mundo.

Para completar, metade desses famintos moram nas áreas rurais, que é exatamente onde esse modelo foi implantado. Isso reforça o que já está evidente; esse modelo de agricultura serve para gerar *commodities*, e não para matar a fome das pessoas.

No que diz respeito ao que devemos/podemos fazer, Shiva elencou alguns pontos importantes. Disse que devemos utilizar ao máximo o que a natureza pode nos oferecer, mas sempre respeitando os ciclos naturais de cada território.

Assim teremos a oportunidade de consumir alimentos verdadeiramente saudáveis e com todos os nutrientes que necessitamos. afirmou ainda que os governos de toda parte do mundo devem suspender os subsídios ao agronegócio.

O subsídio só ocorre pelo simples fato de tal modelo ser insustentável. Para os que de alguma maneira ainda não estão convencidos dessa situação, é bom saber que apesar do estrago ambiental e da saúde humana, cerca de 70% do que o mundo consome é de origem camponesa. Aqui no Brasil podemos chamá-la de agricultura familiar.

Se de um lado, pela obviedade, devemos levar em conta a realidade catastrófica do atual cenário, é importante que se destaque alguns pontos em relação ao que vem sendo feito, pelo menos no Brasil em relação à agricultura familiar.

Por mais que a pressão no governo seja enorme, uma vez que em 2009, a comercialização de agrotóxicos movimentou cerca de 7,3 bilhões de dólares

no Brasil, no mesmo ano os agricultores familiares passaram a contar com a Lei nº 11.947/2009, que determina a utilização de no mínimo 30% dos recursos repassados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE),

“

Para além de ações pontuais e estratégicas, é preciso levar o debate a cerca da problemática para toda a sociedade, buscando assim, espaços nas agendas de governos locais, estaduais e federal. Está muito claro: Quando o governo assume questões desse gênero, os resultados são mais justiça social e mais qualidade de vida aos envolvidos.

sejam destinados à compra de produtos da agricultura familiar.

Outro importante programa que merece ser mencionado é o da Fundação Banco do Brasil. Trata-se do Programa de Fortalecimento e Ampliação das Redes de Agroecologia, Extrativismo e Produção Orgânica (Ecoforte), que no dia 14 de março do ano corrente lançou edital para beneficiar cerca de 20 mil famílias de assentados da reforma agrária, agricultores familiares, indígenas, povos e comunidades tradicionais. O Programa vai disponibilizar 25 milhões de reais.

Para além de ações pontuais e estratégicas, como as mencionadas acima, é preciso levar o debate a cerca da problemática para toda a sociedade, buscando assim, espaços nas agendas de governos locais, estaduais e federal. Está muito claro que quando o governo assume questões desse gênero, os resultados são mais justiça social e mais qualidade de vida aos envolvidos.

E SE A CRIAÇÃO LITERÁRIA FOR UM JOGO ENTRE TEXTOS?

POR JOSÉ ENDOENÇA MARTINS

Ficcionista, poeta e ensaísta. Professor universitário aposentado. Doutor em Literatura Afroamericana. Doutor em Estudos da Tradução - endoenca@yahoo.com

Para saber se a criação literária é inspiração ou transpiração, se toma conta do escritor como uma dádiva das musas ou se resulta do suor do autor, é preciso colocar duas perguntas. Primeiro, é preciso perguntar o que é literatura.

Depois, indagar o que é o autor.

A resposta à primeira pergunta vamos encontrá-la em Terry Eagleton que esclarece: “qualquer coisa pode ser literatura e qualquer coisa anteriormente vista como literatura – Shakespeare, por exemplo – pode deixar de ser literatura.”

A reação à segunda é aceitar que o escritor é uma das identidades de um sujeito pós-moderno. Stuart Hall afirma que este não é detentor de uma identidade fixa, essencial ou permanente. Ao contrário, as identidades do sujeito pós-moderno são múltiplas e móveis. Isto é, no caso de uma pessoa que escreve, a identidade de escritor é mais uma que alguém adiciona àquelas de professor, pai, marido, cidadão, etc.

Ora, se literatura e identidades são experiências detentoras de mobilidade como saber como se dá a experiência criativa?

Não dá. Nada na experiência literária, e na trajetória humana, garante uma resposta confiável e confortável ao problema da criação literária.

Talvez, uma maneira de abordar o problema seja dizer o que cada escritor faz, sem propor generalizações.

Vou falar da minha experiência literária.

No material de um curso que estive fazendo para escrever um romance em inglês encontro esta explicação: “aprender a escrever é como aprender a jogar algum jogo. Você melhora se jogar com um atleta superior a você e aprende o que não deve fazer ao observar um jogador pior que você.”

Em outras palavras, se você ler bons escritores é mais provável que você venha a escrever bem. Quer dizer, escrita tem a ver com leitura. A maior parte dos meus textos eu os escrevi a partir das leituras que fiz.

Vejam os meus exemplos.

Em dado momento da minha vida, li o poema José, de Carlos Drummond de Andrade. E me senti tocado pela estrofe:

Se você gritasse, se você gemesse, se você tucasse

A valsa vienense, se você dormisse, se você cansasse,

Se você morresse. Mas você não morre. Você é duro, José!

Bem, você sabe que sou endoença e que esta palavra significa a paixão de Cristo. No momento da leitura, me vi passando por todo aquele padecimento sugerido no texto do poeta. Gritei e gemi com os gritos e gemidos do José de Drummond.

E me perguntei: e se esse José fosse eu, que poesia daria? A resposta é este poema:

Para ser José neste mundo
mais que tudo, há que ter fé;
Se não for de Arimatéia, há que ter fé;
Se não for do Egito, há que ter fé;
Se não for do Patrocínio, mais que tirocínio
Há que ter fé ingênua de menino;
E se não for pai de Jesus, há que ter fé
para ser, ao menos, um filho qualquer da cruz.

E agora, José?

E se fé tanta não for suficiente para José

Fique contente, relaxe.

Basta ser Zé.

Hoje, este poema autobiográfico já virou uma forma de eu me apresentar e de mostrar como me vejo.

Agora, um exemplo da ficção em que a pergunta e se? me levou à mais criação literária. No início dos anos 90, comecei a reler o romance Dom Casmurro, de Machado de Assis. Nas minhas aulas, me interessavam o feminismo afro-americano e a pós-modernidade. No romance, me tocou a suspeita de adultério que pairava sutilmente sobre a personagem Capitu. Duas perguntas me ocorreram, então:

E se Capitu estivesse descontente com a sua vida no romance do autor carioca?

E se ela desejasse sair, e viver outra história?

Em 1993, lancei o romance Enquanto Isso em Dom Casmurro. Nele, Capitu foge do texto de Machado de Assis, viaja para Blumenau e, ali, encontra toda a liberdade que pode.

Meu narrador desvela a saída encontrada por Capitu:

Capitu não avisou a ninguém que estava saindo do romance. Nem se despediu dos outros personagens. Pensou que eles ficariam chocados quando descobrissem que ela não estava mais na história. Que não funcionariam sem ela. Que as falas ficariam quebradas e as cenas, interrompidas. Que a juventude de Bertinha estaria comprometida com a ausência dela, a ida para o seminário, tudo, desregulado. Que não haveria aquele primeiro beijo, tímido, de dois adolescentes, na casa dela. Por isso, julgou que seria melhor escapular silenciosa e sorrateiramente como uma personagem menor que rouba a cena à figura principal. (...) Não havia amor na fuga de Capitu do romance. Indignação, sim. O que parece uma especial forma de amor. Indignação era o que jogava a nossa moça para fora do romance e para dentro das infinitas possibilidades da linguagem.

No meu romance, Capitu tem o tipo de vida que Machado de Assis nunca sonhou dar a ela.

O terceiro exemplo se dá na minha peça de teatro O Olho da Cor, em 2003. Aqui, a pergunta e se? surge no momento em que estou lendo o romance O Olho Mais Azul, da escritora afroamericana Toni Morrison. No texto americano, a menina negra Pecola Breedlove,

onze anos, deseja possuir olhos azuis porque acredita que só assim será amada pelos pais e pelos vizinhos. Toni Morrison descreve o desejo da menina:

Ocorreu a Pecola que se (...) seus olhos fossem diferentes, isto é bonitos, ela seria diferente. Os dentes seriam bons, e o nariz não seria grande e chato. Se ela fosse diferente, linda, talvez Cholly fosse diferente, e a senhora Breedlove também. Talvez eles dissessem, ‘olhem estes olhos lindos da Pecola. Não devemos fazer coisas feias diante destes lindos olhos.’ (...) Toda

“

Para ser José neste mundo mais que tudo, há que ter fé. Se não for de Arimatéia, há que ter fé; Se não for do Egito, há que ter fé; Se não for do Patrocínio, mais que tirocínio. Há que ter fé ingênua de menino; E se não for pai de Jesus, há que ter fé para ser, ao menos, um filho qualquer da cruz. E agora, José?

noite, sem cessar, ela pediu os olhos azuis. De maneira fervorosa, ela rezou durante um ano inteiro.

Simplificando, ao desejar ter olhos azuis o que Pecola quer é ser branca. Para ela, ser branca é ser linda e amada.

Durante a leitura, a pergunta que me ocorre é: e se eu criasse uma história em que uma mulher pode escolher a cor que desejar e quando a desejar? A resposta foi a peça de teatro O Olho da Cor. Nela, a personagem Bertília é negra no primeiro ato, branca, no segundo. No terceiro, ela é chamada a decidir sua cor. Ela, então, decide ficar com as duas cores. O narrador explica: “na verdade, a cor não é fixa, ou a mesma o tempo todo. Ela varia. Ora, a mulher é negra, depois fica branca e, em seguida, pode ser negra e branca.” Diante desta mobilidade que é agora sua característica, a personagem reage:

Será que vou saber conviver comigo mesma? Com meu olho azul sem furá-lo, quando for negra? Com o meu olho negro sem desprezá-lo, quando for branca. Com os dois, quando as duas cores me cobrirem? Será que vou conseguir? Será que vou conseguir aceitar outras pessoas em iguais, ambíguas e múltiplas situações?

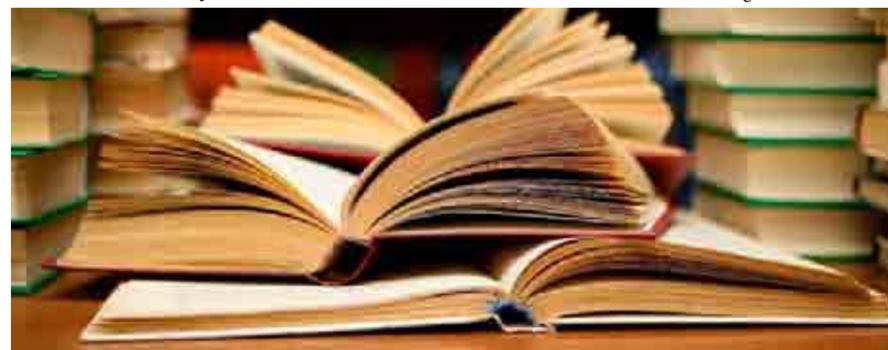
E se?

É uma pergunta simples que pode levar a muita criatividade e a inúmeras experiências no mundo da criação literária. Para mim, ela está sendo essencial. A pergunta feita a um texto lido desencadeou muitas idéias inovadoras que se transformaram em poema, romance e teatro.

Com a pergunta e se?, cada vez me convengo mais que literatura gera mais literatura, texto gera mais texto e, principalmente, que criação gera mais criação.

E se você, leitor, também tentasse esta estratégia?

Mas lembre-se, ela tem nome: Signifyin(g). A teoria negra para explicar intertextualidade e conversas entre textos.



CURTAS

EXTENSÃO DA UFSC EM BLUMENAU REÚNE 180 ALUNOS NA CIDADE

A abertura oficial das atividades do campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) na cidade de Blumenau ocorreu dia 17 de março. A programação incluiu um ato solene, em parceria com o Instituto Federal Catarinense (IFC) e uma aula magna da reitora Roselane Neckel. O ato foi no Teatro Car-



los Gomes. Ao todo, são cerca de 180 alunos do campus da UFSC em Blumenau, matriculados em cinco cursos de graduação: Engenharia Têxtil (diurno), Engenharia de Controle e Automação (diurno), Engenharia de Materiais (diurno), Matemática (noturno) e Química (noturno). Neste primeiro semestre, as aulas serão oferecidas no campus provisório da UFSC em Blumenau, junto ao Instituto Federal Catarinense (IFC), no bairro Badenfurt. As aulas de laboratório acontecem a partir do segundo semestre, no campus do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), em Gaspar.

A UFSC tem sede em Florianópolis, com 11 centros de ensino, e hoje conta com campus em Araranguá, no Sul do estado; Joinville, no Norte; e Curitiba, na região do Contestado.

ALDEIA PALCO GIRATÓRIO MOVIMENTA BLUMENAU

Com objetivo de promover e incentivar as manifestações artísticas das regiões e fazer um intercâmbio entre artistas e cultura, fomentando a troca de experiências, a Aldeia Palco Giratório movimentou Blumenau de 1 a 13 de abril. Estão programadas apresentações musicais, teatrais, literárias para crianças e adultos além de sessões de cinema do projeto Cine Sesc e oficinas de contação de histórias e teatro. Entre os destaques do evento estão os espetáculos "Sergento Getúlio", do grupo Teatro NU, da Bahia e "Solamente Frida", da Cia. Garotas Marotas, do Acre, apresentados respectivamente nos dias 02 e 05/04, às 20h, na Fundação Cultural.



LUZIANI NUNES

GRUPO DE TEATRO DA CASA APRESENTA O TRAJE DA RAINHA

De 11 a 13 de abril, às 20h, a Fundação Cultural de Blumenau recebe o espetáculo O Traje da Rainha. A peça mostra como o teatro e seu alto poder de comunicação enquanto arte vibrante e ao mesmo tempo efêmera é uma forma de estimular o senso crítico e pôr em jogo questões pertinentes ao público infanto-juvenil. Para isso, o Grupo de Teatro Da Casa se inspira no clássico conto de fadas dinamarquês: "A Nova Roupas do Rei", e reconta essa história de forma bem humorada, para falar da vaidade humana. A partir de técnicas de comédia e inspiradas pela Pop Arte, o grupo põe em cena a história de uma rainha com tal fixação por roupas novas, que transforma todo seu reino em palco de desfile e seu governo em ações de moda. Cega pela vaidade e pela iminência de perder o título de "rainha mais bem vestida de todos os reinos" ela recebe em seu palácio uma modista que promete "uma roupa feita de um tecido tão maravilhoso que só os inteligentes podem ver". A rainha paga caro para possuir o visual perfeito e então percebe que por baixo dos panos existe algo mais... A partir do universo ficcional o trabalho pretende discutir questões relativas ao comportamento dos adolescentes e suas atitudes. Os ingressos custam R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia) - idosos e estudantes.

PROGRAMAÇÃO

Abril
De 11 a 13 - O traje da Rainha, do Teatro da Casa

Às 20h na Fundação Cultural de Blumenau

PARQUE SÃO FRANCISCO É REABERTO À COMUNIDADE

Foi reaberto dia 24 de março, com o intuito de ser uma nova opção de lazer e educação ambiental na cidade, o Parque Natural Municipal São Francisco de Assis. Parte integrante da Mata Atlântica, ele estava fechado desde a tragédia de 2008 e teve de passar por um processo de revitalização, desobstrução de trilhas, entre outras melhorias.

O parque está localizado atrás do Shopping Neumarkt e funciona de segunda a sábado, das 8h às 17h. A entrada é gratuita.



JAIMÉ BATISTA DA SILVA

O SEXO NA BIBLIOTECA

O outono começou alucinante na FURB. Dois alunos foram flagrados fazendo sexo na biblioteca. Para a maior parte das pessoas, a ideia do proibido é altamente excitante. Por isso, sempre que alguém acaba sendo surpreendido transgredindo as convenções sexuais surge uma curiosidade frenética. Apesar de todos terem alguma história picante guardada no armário do passado, somente a dos outros é novidade. Nesse sentido, a comoção gerada pela repercussão da onda de desaprovagens e aprovações rapidamente transformou o fato num escândalo.

Mas o que existe de novo na relação entre sexo e fofoca na universidade? Nada! Se olharmos bem, cada canto escuro da universidade exala lembranças de desejos incontroláveis, afinal é só juntar jovens que o sexo estará presente; muito menos a curiosidade, pois desde o início da internet existe o compartilhamento de intimidades por meio de e-mails e mensagens. O que é novo é o "ciclo de reprodução viral" que fez com que em algumas horas toda a cidade soubesse quem eram as pessoas. No tráfego das apps a intimidade é exposta de uma maneira incontrolável.

Apesar da relação entre sexo e fofoca ser ubíqua na universidade o interesse reside nas reações. Elas revelam diferenças normativas importantes da comunidade acadêmica: 1) Primeiro a questão da transgressão: a adequação do comportamento, o controle da impulsividade e a criminalização do ato sexual em público; 2) Segundo a questão da difamação: o flagrante e o direito de expor a intimidade do casal por meio do compartilhamento do vídeo no Whatsapp. Mas, afinal, o que é reprovável, o ato ou a divulgação? Quando "vazou" e "caiu na net" as opiniões se dividiram, claro.

De um lado do fosso ideológico ecoam as indignações neo-puritanas dirigidas para o ato. Este discurso sustenta que os vídeos exprimem a falta de freios morais da sociedade. O ponto mais evidente de um descompromisso generalizado que toma conta das novas gerações. Este discurso condena o casal e tende a transformá-los em culpados pela consequência. Defende a necessidade de estabelecer limites e controles, a família... E talvez, não tarde a surgir, algu-

ma proposta de instalação de câmeras e, quem sabe, expulsar o casal por conduta inadequada como exemplo.

No outro lado do fosso ideológico, soa a ladainha psico-libertária voltada para a divulgação. Esse cântico parte do truismo que o sexo é natural, e quase banal na universidade. Descreve o casal como vítima do Voyeurismo 2.0 e chama atenção para injustiça da condenação. Ali a Vertente Vermelha clama contra "a moral pequeno-burguesa", enquanto lá a cantilena entoada pela Vertente Roxa não consegue ultrapassar o "cyberbullying machista". No limite da defesa do direito sobre o uso do corpo chegaremos a algo como a regulamentação do sexo no campus.

Claro, o "pânico moral" sobre a falta ou excesso de regras distorce a compreensão dos fatos. Os neo-puritanos condenam o ato porque não ousam fazer e apoiam a divulgação como meio de controle, enquanto que os psico-libertários defendem o ato porque esperam fazer, e condenam a divulgação porque temem a exposição. Para entender a dialética entre "controle dos impulsos" e o "direito à privacidade" precisamos compreender o efeito combinado da cultura sexual e das formas de comunicação no estabelecimento de um novo estilo de vida.

Primeiro precisamos considerar as transformações da moral sexual contemporânea. Por muito tempo o sexo permaneceu relacionado ao mal e restrito à reprodução. Com a descoberta do contraceptivo, associada ao movimento de liberação sexual na década de sessenta, o sexo passou a ser permitido, mas desde que estivesse relacionado a sentimentos, por exemplo, desde que o casal estivesse apaixonado ou namorando. Na última década observamos um descolamento progressivo do sexo e da paixão, no qual o sexo vem sendo transformado numa recreação.

Em seguida necessitamos entender também o impacto da tecnologia na vida pessoas. Desde a introdução dos computadores pessoais no início dos anos 80, as tecnologias digitais vem redefinindo várias dimensões da vida cotidiana como o lazer, o trabalho, a educação, o comércio, a sexualidade, etc. Na passagem da Web 1.0 (sites baseados em desktops - usuário passivo) para a Web 2.0 (redes sociais portáteis pelos smartphones - usuário ativo) e agora a Web 3.0 (objetos inteligentes - data entidades) estariam sendo estabelecidas novas

formas de sociabilidade.

Considerando relação contextual entre a "democratização sexual" e "massificação tecnológica", não aconteceu absolutamente nada de extraordinário na biblioteca. Se, por um lado, ao fazerem sexo, os jovens estão apenas respondendo a "desromantização do sexo", por outro, ao divulgarem o caso pelo "wasap" respondem ao papel pro-ativo dos usuários da Web 2.0. Por isso, se existe algo de escandaloso no sexo na biblioteca e sua divulgação é a dialética dos ressentimentos ideológicos da condenação conservadora e da vitimização progressista.

Há muito tempo os sociólogos vem examinando o caráter ritual de escândalos. Existe um argumento de linhagem culturalista que interpreta o escândalo como uma espécie de confronto entre vários sistemas de normas. Ao invés de confirmar uma determinada ordem moral, os escândalos obrigam as pessoas e as instituições a estabelecerem um posicionamento moral e ajuda a esclarecer linhas de diferença normativa. Nesse sentido, o drama do sexo na biblioteca serve para explicitar a ambivalência moral entre o que é permitido e o que é proibido na universidade.

A universidade já foi uma instituição inovadora. Sua força encontrava-se na capacidade de traduzir as expectativas e as aspirações de autonomia dos jovens. Mas na última década a universidade foi colonizada pelo discurso politicamente correto que vem reduzindo os jovens a "empreendedores morais". Este discurso visa regulamentar e disciplinar a criatividade juvenil por meio de um adestramento moral. As denúncias espetaculares ao sexo na biblioteca ilustram bem este processo. Para reaprendermos a pensar com liberdade precisamos virar esse discurso do avesso.

Todos sabemos que se o desejo caminha sempre ao lado da proibição (ato), a curiosidade é inseparável do que está escondido (divulgação). Por isso na dança histriônica entre condenação e vitimização ninguém percebeu que sexo e celular fazem parte da vida dos jovens... Para desespero dos neo-puritanos e dos psico-libertários na sociedade pós-moralista não existe uma fronteira nítida que justifique tanta indignação moral. Afinal, ignorar a maniqueísmo entre a condenação e a vitimização é como aquela tentativa de ignorar um elefante na sala de estar!

Marcos Antônio Matteli
Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP)
Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional



LADO B

“
A universidade já foi uma instituição inovadora. Mas na última década a universidade foi colonizada pelo discurso politicamente correto que vem reduzindo os jovens a “empreendedores morais”. As denúncias espetaculares ao sexo na biblioteca ilustram bem este processo. Para reaprendermos a pensar com liberdade precisamos virar esse discurso do avesso.

INSPIRAÇÃO

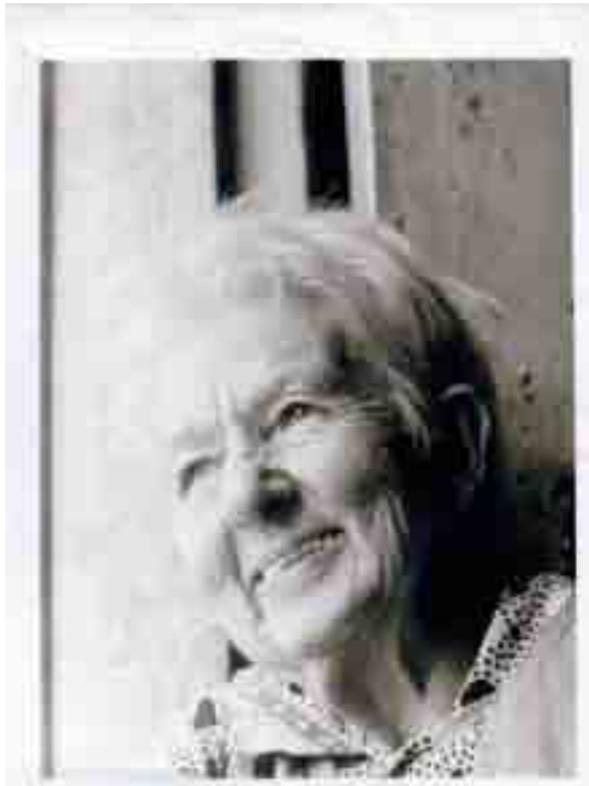
O tempo muito me ensinou:

O tempo muito me ensinou:

*Ensinou a amar a vida,
Não desistir de lutar,
Renascer na derrota,
Renunciar às palavras e pensamentos negativos,
Acreditar nos valores humanos,
E a ser OTIMISTA.
Aprendi que mais vale tentar do que recuar....
Antes acreditar do que duvidar,
Que o que vale na vida,
Não é o ponto de partida e sim a nossa caminhada "*

Cora Coralina

FOTOS:ARQUIVO



Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, (Cidade de Goiás, 20 de agosto de 1889 — Goiânia, 10 de abril de 1985) foi poetisa e contista brasileira. Considerada uma das principais escritoras brasileiras, ela teve seu primeiro livro publicado em junho de 1965 (Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais), quando já tinha quase 76 anos de idade. Cora Coralina já escrevia poemas em 1903 e chegou a publicá-los no jornal de poemas femininos "A Rosa", em 1908. Em 1910, foi publicado o seu conto "Tragédia na Roça" no "Anuário Histórico e Geográfico do Estado de Goiás", usando o pseudônimo de Cora Coralina. Em 1911, fugiu com o advogado divorciado Cantídio Tolentino Bretas, com quem teve seis filhos. Foi convidada a participar da Semana de Arte Moderna, mas é impedida pelo seu marido.

Já em São Paulo, em 1934, trabalhou como vendedora de livros na editora José Olímpio, onde lançou seu primeiro livro. Mulher simples, doceira de profissão, tendo vivido longe dos grandes centros urbanos, alheia a modismos literários, produziu uma obra poética rica em motivos do cotidiano do interior brasileiro, em particular dos becos e ruas históricas de Goiás.